

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIV nº 1478 | 10/06/2019 a 16/06/2019

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SAFRA NORTE-AMERICANA

HORIZONTE DE BOAS PERSPECTIVAS

Diante do maior atraso da história no plantio dos Estados Unidos, janela de oportunidades se abre para os produtores paranaenses

sistemafaep.org.br



Aos leitores

Nas últimas semanas, duas notícias vindas do exterior trouxeram boas perspectivas para os produtores paranaenses. Por mais que ninguém deseje o mal ao próximo, o atraso histórico no plantio do milho e da soja nos Estados Unidos deve gerar ótimas oportunidades para os agricultores do Paraná. Diante do excesso de chuva na terra do Tio Sam, é fato consumado que os norte-americanos não irão cobrir a área prevista inicialmente com as duas culturas. Ou seja, apesar dos estoques, sem uma safra cheia entrando no mercado, os preços dos grãos na Bolsa de Chicago já registram alta. E, segundo especialistas ouvidos na matéria de capa deste Boletim, as cotações podem subir ainda mais. Nesta equação ainda entra a guerra comercial entre China e os Estados Unidos, que também contribui diretamente para a alta da cotação dos grãos.

A outra boa notícia é na pecuária. No final de maio, a Organização Mundial de Sanidade Animal reconheceu o departamento de Pando, na Bolívia, como área livre de febre aftosa sem vacinação. Por lá, departamento corresponde aos Estados no Brasil. Ou seja, prova de que o Paraná pode (e deve) continuar seguindo sozinho em busca do mesmo status. Afinal, estamos com a lição de casa feita, com eficiência.

Os ventos internacionais trazem boas novas. Agora, cabe ao agronegócio estadual, claro, com auxílio dos governantes, transformar essas oportunidades em negócios e riquezas para o Paraná.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior, Valdemar da Silva Melato e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Robson Vilalba e William Goldbach | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1478:

Alexandre Lobo Blanco, Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

JANELA DE OPORTUNIDADE

Com o atraso histórico do plantio nos Estados Unidos, produtores brasileiros devem ser beneficiados com a alta nas cotações

PÁG. 12

PERDAS

Chuvvas nas últimas semanas de maio causaram prejuízos em lavouras em várias regiões do Paraná

Pág. 3

MINOR CROPS

Normativa que simplificou o processo de registro de agroquímicos completa cinco anos

Pág. 4

PECUÁRIA LEITEIRA

Novas regras estabelecem critérios para garantir qualidade do leite da produção até a industrialização

Pág. 10

REFERÊNCIA

SENAR-PR ganha repercussão nacional, a ponto de a entidade treinar técnicos de outras instituições

Pág. 20

EXPANSÃO

Cursos do SENAR-PR ajudaram propriedade em Francisco Beltrão a planejar novos investimentos

Pág. 22



Chuvas e vendavais causam prejuízos pelo PR

Tempestades afetaram lavouras de milho e feijão em algumas regiões do Estado

As chuvas ininterruptas que caíram sobre o Paraná na última semana de maio causaram prejuízos a alguns produtores rurais, principalmente nas regiões Sudoeste, Centro-Ocidental e Norte Pioneiro do Estado. Apesar do estado de alerta, os sindicatos rurais informaram que as perdas foram pontuais nas culturas de milho e de feijão. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento (Seab), no entanto, as dimensões do estrago só serão estimadas no próximo boletim mensal do órgão, no final do mês de junho.

Em Goioerê, na região Centro-Ocidental, as tempestades vieram acompanhadas de fortes vendavais, danificando lavouras de milho. Um trecho de 500 hectares que corta seis propriedades rurais foi bastante afetado. Ali, a força do vento fez com que a plantação “deitasse”, inutilizando toda essa parte da lavoura.

“Foi algo bem localizado. Mas teve muito vento nessa região e parte da lavoura deitou com o vendaval. Nessa área afetada, a produção foi perdida”, diz o presidente do Sindicato Rural de Goioerê, Sérgio Fortis, que teve um trecho de sua propriedade danificada pela tempestade.

Em Verê, no Sudoeste do Estado, também há relatos de prejuízos causados pelas chuvas sucessivas. Um dos produtores afetados é o presidente do Sindicato Rural da cidade, Jaimir Colognese, que contabilizou danos nas lavouras de milho (ele planta uma área de 200 hectares) e de feijão (20 hectares), por causa da concentração pluviométrica.

“Tivemos vários relatos de perdas. Foram praticamente 15 dias de chuvas, que se concentraram, principalmente, na última semana de maio. Choveu 350 milímetros aqui”, aponta Colognese. “No meu caso, a quebra na lavoura de feijão deve chegar a 50%. Na de milho, tem que esperar a colheita para ver, mas acredito que as perdas também sejam significativas”, acrescenta.

Em regra, os danos foram registrados nas lavouras de milho plantadas mais tardiamente. Nos casos em que as plantações já se encontram perto da fase de colheita, a resistência às intempéries foi maior. Apesar disso, no Sudoeste, por

exemplo, já há exemplos de produtores que financiaram a safra pelo Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) e que já se movimentam para receber o seguro.

“Eu mesmo tenho Proagro. Então já vou entrar com o pedido [de ressarcimento]. No feijão, não. Além disso, a região está com um problema sério no preço do feijão. Então, vai ser prejuízo na certa”, lamenta Colognese.

O Sindicato Rural de Bandeirantes, no Norte Pioneiro, também aponta que há registros pontuais de perdas, principalmente, em lavouras de milho. Por lá, os principais danos também foram causados por vendavais, que atingiram as plantações. Além disso, os temporais chegaram a destelhar casas e derrubar árvores, provocando a interdição de estradas rurais.

Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a chuva deu uma trégua em todas as regiões do Paraná. A previsão é de tempo firme para a primeira quinzena de junho, com chuvas apenas ocasionais, mas em volume não tão significativo. “Agora, que está sol aqui na região, os produtores voltaram a colher. O pessoal está até antecipando o trabalho, com medo de mais vento. Estamos em alerta, mesmo”, aponta Fortis.

Pequenas culturas, grande importância

Normativa que sistematizou registro de uso de agroquímicos nas *Minor Crops* completa cinco anos, com benefícios para produtores e população, que consome os produtos diariamente

Por André Amorim

Os setores brasileiros de frutas e hortaliças têm motivos para comemorar. No dia 16 de junho completa cinco anos da publicação da Instrução Normativa Conjunta (INC) 1/2014, que sistematizou e simplificou o processo de registro de agroquímicos para o manejo das Culturas com Suporte Fitossanitário Insuficiente (CSFI), também conhecidas como *Minor Crops*. A medida representa um avanço significativo na legislação, que trouxe maior legalidade e segurança aos hortifruticultores.

A INC é um divisor de águas. Sem produtos próprios registrados para diversas culturas, os produtores tinham duas escolhas: se arriscar na ilegalidade, aplicando defensivos usa-

Veja como a cadeia de *Minor Crops* evoluiu e se organizou ao longo dos anos

2010

INC 1/10 início do trabalho;

2014

INC 1/14 traz atualizações que melhoraram o desenvolvimento dos registros de produtos fitossanitários;

2016

Santa Catarina e Rio Grande do Sul se unem ao Paraná para promover o levantamento das informações das culturas com suporte fitossanitário insuficiente;



Assista ao vídeo da matéria no nosso site
sistemafaep.org.br

dos em outras culturas; ou manejar sua produção sem recorrer às tecnologias disponíveis para combater pragas e doenças. Não se trata aqui de culturas irrelevantes ou exóticas, mas sim campeãs de consumo, como berinjela, abobrinha, melancia, repolho, e muitas outras que figuram diariamente na mesa da família brasileira, mas que não eram contempladas com produtos próprios para o seu manejo.

De autoria conjunta do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a INC 1/2014 permitiu que muitos produtos tivessem seu uso extrapolado para outras culturas, possibilitando controlar pragas e doenças, além de tirar diversos produtores da situação de ilegalidade involuntária em que se encontravam.

“Ter produtos legalizados gera mais segurança na produção de alimentos, já que eles tiveram a chancela do Mapa na questão de ciência agrônômica, da Anvisa, revisando os parâmetros toxicológicos, e do Ibama, verificando o impacto ambiental do produto”, observa a técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR Elis-

geles Souza. Segundo ela, desde que a medida entrou em vigor até hoje, é possível contabilizar diversas vitórias. “De acordo com informações da Anvisa, já são mais de 1,5 mil Limite Máximo de Resíduos (LMR) estabelecidos; mais de 100 culturas beneficiadas e cerca de 150 marcas comerciais registradas pela INC 1/2014”, afirma.

Esses resultados têm repercussão direta no dia a dia do produtor. “Temos muita salsinha no município que antes não tinha nada e hoje temos alguns produtos registrados. Na mandioca salsa, não tinha nenhum herbicida. Graças ao trabalho iniciado pela FAEP, agora nós temos”, observa Paulo Ricardo da Nova, presidente do Sindicato Rural de São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba. “Quem plantava essas culturas era sempre visto como um criminoso. Esse trabalho tirou todo esse povo da ilegalidade”, avalia o dirigente.

Mudança de imagem

Além de segurança para produzir, a normativa também melhorou a imagem do setor de frutas e hortaliças perante o

2017

Minas Gerais passa a participar do levantamento;

2018

É lançado o Grupo *Minor Crops* Brasil, promovendo um levantamento de abrangência nacional das demandas para Culturas com Suporte Fitossanitário Insuficiente (CSFI) – *Minor Crops*, com mais de 50 instituições participantes;

2019

Formado o Comitê *Minor Crops* Brasil com participação de representantes dos produtores, instituições de pesquisa, governo e indústrias.



150

Marcas comerciais estão registradas pela Instrução Normativa Conjunta 1/2014, beneficiando mais de 100 culturas *Minor Crops*

público consumidor. “Quando os programas de avaliação de uso de agroquímicos encontravam algum produto não registrado nas hortaliças, eles classificavam como não conforme e divulgavam isso na mídia. Então para o consumidor que não está familiarizado com as questões agrônômica e legal, é como se o alimento estivesse contaminado e pudesse colocar a vida dele em risco”, observa o diretor presidente do Instituto Brasileiro de Horticultura (Ibrahort), Stefan Adriaan Coppelmans.

Opinião semelhante tem o representante da Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas) e coordenador do Grupo Técnico de Fitossanidade da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA), Tom Prado. “Em termos de saúde não há riscos, assim atesta a própria Anvisa, por meio do último resultado divulgado pelo PARA [Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos]. O grande problema é a percepção equivocada da população de que esta ausência de autorização de uso para algumas pequenas culturas represente risco a saúde”, diz.

A insuficiência de produtos registrados para atender estas culturas também trazia dor de cabeça para os técnicos do setor. “Facilitou bastante a vida. Agora nós temos o que recomendar para o produtor”, avalia o engenheiro agrônomo Hugo Vidal, especialista em hortifrúts. Na sua opinião, a situação anterior à normativa beirava o absurdo. “O produtor podia plantar, mas não podia tratar. O pimentão é da mesma família botânica do tomate. Mas o tomate tinha 50 produtos registrados e o pimentão nenhum, estava condenado à morte. Era uma discrepância tremenda”, analisa.

Neste cenário, as culturas que mais sofrem com a falta de produtos são as pequenas. O próprio nome “*Minor Crops*” se refere a “pequenas culturas”. São aquelas que ocupam pouca área em comparação às grandes culturas, como soja e milho. O problema delas é que a indústria de agroquímicos dificilmente encontrará vantagem financeira em iniciar um processo de extrapolação de uso de algum produto, pois esse tipo de pesquisa costuma ter altos custos.

“O principal gargalo é a sustentabilidade econômica do registro de pequenas culturas. Os estudos que precisam ser feitos pela indústria são caros e demorados”, avalia Coppelmans.

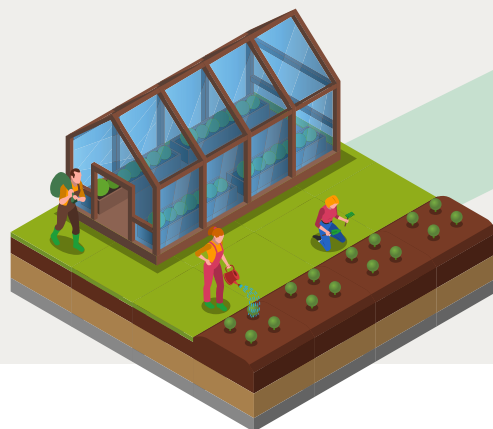
Como ocorre a extrapolação de uso de um agroquímico



1 O produtor verifica que não existem produtos registrados para o manejo da sua cultura e leva esta demanda às instituições representativas.



3 A indústria encaminha esse pleito para o Ministério da Agricultura (Mapa), Anvisa e para o Ibama, assinando um termo de ajuste para apresentação de um estudo de limite máximo de resíduo daquele agroquímico para a cultura desejada em até 24 meses.



2 As instituições de representação de produtores, pesquisa, extensão rural, associações/cooperativas de produtores ou profissionais apresentam as demandas às indústrias de agroquímicos para análise de interesse e possibilidades de extrapolar o registro para o uso.



4 É publicada no Diário Oficial uma autorização provisória de uso daquele agroquímico a cultura solicitada por 24 meses.



5 Após o fim deste período, o estudo será analisado pela Anvisa e receberá a permissão – ou não – para a continuidade do registro.



CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o QR Code, acesse o link e assista;
- Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.



CSFI no V Conbraf

As Culturas com Suporte Fitossanitário Insuficiente (CSFI), ou *Minor Crops*, estão entre os temas que serão discutidos no V Congresso Brasileiro de Fitossanidade (Conbraf), que acontece entre os dias 7 e 9 de agosto, em Curitiba. No dia 8 está marcada uma sessão técnica sobre o assunto.

Evento com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR irá discutir as necessidades e demandas do setor agrícola brasileiro. A programação inclui palestras nacionais e internacionais. A previsão de público para esta edição é de 400 pessoas, entre professores, estudantes, universitários, pesquisadores, representantes de agroindústrias e cooperativas envolvidas com fitossanidade.

Para mais informações consulte o site do evento: www.conbraf2019.com.br.



Modelo criado pela FAEP é referência nacional

O caminho que levou à organização e sistematização da legislação e, conseqüentemente, mais produtos disponíveis aos produtores, passou pela união dos setores que integram esta cadeia produtiva. Esse processo teve participação decisiva da FAEP.

Logo que a normativa foi criada, em 2014, a Federação reuniu todas as entidades do setor ligadas ao assunto para entender o que era a norma e, posteriormente, realizar um levantamento unificado das demandas paranaenses. “Para realizar este trabalho aqui no Paraná, estabelecemos uma parceria importante com o Mapa, Anvisa, Emater, Instituto Agrônomo do Paraná [Iapar], Agência de Defesa Sanitária do Paraná [Adapar], Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura [CREA-PR], Federação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná [Feap], Ocepar e Embrapa, cooperativas e associações de produtores”, lista Elisangeles.

“A FAEP teve e tem um papel muito relevante nesse processo, pois fazendo parte da Comissão Nacional de Fruticultura na CNA e da Câmara Setorial de Fruticultura no Mapa, consegue levar as necessidades das pequenas culturas as instâncias superiores, mostrar os problemas enfrentados”, avalia o presidente da Comissão Técnica de Hortifruticultura da FAEP, Marco Antônio Machado. “Por isso é importante que o produtor participe do sindicato, da comissão e da FAEP”, finaliza.

A metodologia desenvolvida pela FAEP para o levantamento das demandas dos produtores em relação às *Minor Crops* teve grande repercussão e passou a ser utilizada em outros Estados. Em 2016, Santa Catarina e Rio Grande do Sul juntaram-se ao Paraná neste trabalho. Minas Gerais veio em seguida, em 2017. E, em 2018, São Paulo, por meio da Ibrahort e da Abrafrutas, incentivou um levantamento nacional.

A partir de então foi formado o Grupo *Minor Crops* Brasil, composto por mais de 40 instituições, entre produtores (representados por federações, como a FAEP), pesquisadores e governo, cujo objetivo foi o levantamento de abrangência nacional das demandas para *Minor Crops*.

Na esteira deste processo, em 2019 foi formado o Comitê *Minor Crops* BR, grupo mais enxuto, formado por 12 instituições que representam o setor produtivo, indústria de agroquímicos, pesquisa e governo. O colegiado tem como principal objetivo discutir e elaborar estratégias de encaminhamentos do levantamento de informações para Culturas com Suporte Fitossanitário Insuficiente (CSFI).

A participação de todos os elos desta cadeia produtiva foi fundamental para a eficiência das ações. “Importante também é o avanço de inclusão do produtor rural nesta discussão, que por um tempo ficou restrita ao governo e à indústria. Por meio deste trabalho iniciado pela FAEP temos visto que os produtores estão mais interessados, participativos e passando um feedback para o governo”, observa o coordenador de avaliação do risco da gerência de monitoramento e avaliação do risco da Anvisa, Juliano dos Santos Malty.

Segundo a engenheira agrônoma Bianca Francis de Alencar, assessora do Comitê *Minor Crops* BR, esse modelo criado pela FAEP foi utilizado para o primeiro levantamento nacional de informações da necessidade da extrapolação de uso para as *Minor Crops*, realizado a partir de 2018. Esta metodologia elenca uma série de informações essenciais para a identificação das culturas que estão carentes de suporte fitossanitário.

Após essa coleta de dados, foi feita uma revisão, que avaliou se os pedidos do setor produtivo estão de acordo com a INC 1/2014 e se não há sobreposição de pedidos. Essa etapa foi finalizada em maio de 2019. “Agora estamos trabalhando na estratégia de envio das informações revisadas, tanto para a indústria, que decidirá se tem interesse ou não de extrapolar o uso destes produtos, quanto para especialistas que avaliarão a viabilidade das indicações”, afirmou.

Para Coppelmans, do Ibrahort, reunir as demandas da classe produtora é a forma mais inteligente de ganhar velocidade e reduzir custos neste processo. “Você cria sinergia entre as pesquisas. Quando você faz uma pesquisa para o repolho, que é uma planta muito parecida com a couve manteiga, por exemplo, a probabilidade de uma pesquisa para uma cultura dar certo para outra cultura da mesma família é muito grande”, analisa.

No caminho certo

Departamento da Bolívia ganha reconhecimento internacional como área livre de febre aftosa sem vacinação, mesmo *status* pleiteado pelo Paraná

No dia 28 de maio, a Organização Mundial de Sanidade Animal (OIE) reconheceu o departamento (divisão geográfica que corresponde aos Estados no Brasil) de Pando, na Bolívia, como área livre de febre aftosa sem vacinação. Segundo o documento oficial da entidade, referendado em evento em Paris, na França, a recomendação está baseada na documentação apresentada pela delegação boliviana, em conformidade com o Código Sanitário para Animais Terrestres.

Localizado na região Norte do país vizinho, o departamento de Pando faz fronteira com os Estados do Acre e Rondônia, de modo que sua conquista de um novo reconhecimento sanitário também influencia positivamente o Brasil. “Cada vez que uma região de um país consegue esse *status*, acaba por dizer para o resto do mundo ‘olha aqui, eu não tenho a doença, então não vou continuar vacinando’. Esse resultado é fruto do trabalho muito eficiente do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa [Panaftosa] e do serviço de defesa sanitária dos Estados e países”, observa o diretor-presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Otamir César Martins.

O Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) estabeleceu um plano para a retirada gradual da vacinação contra a febre aftosa no Brasil, por meio do Programa Nacional de Erradicação de Febre Aftosa (Pnefa). Desta forma, uma vez que o Acre

Pando é o primeiro departamento da Bolívia a receber o certificado de livre de febre aftosa sem vacinação



e Rondônia também se tornem livres da doença sem vacinação, não precisariam se preocupar com o ingresso de animais vindos de Pando. Seria uma fronteira a menos para os serviços veterinários se preocuparem.

Paraná

Segundo Martins, o caminho boliviano é o mesmo pelo qual passa o Brasil, atualmente. “É como nós estamos fazendo também. Começamos com Santa Catarina, [que obteve o *status* de livre de aftosa sem vacinação] em 2000, e agora estamos fazendo o mesmo caminho no Paraná. A partir de setembro, o Mapa reconhecendo nacionalmente o Paraná como área livre da doença sem vacinação, em maio de 2021 a OIE concede a mesma certificação que recebeu o distrito de Pando”, avalia Martins.

O Paraná vem se preparando há décadas para elevar seu *status* sanitário para área livre de febre aftosa sem vacinação. O Mapa já reconheceu o desejo do Estado se tornar livre da doença e enviou em duas auditorias que avaliaram o serviço de defesa sanitário paranaense como um dos melhores do Brasil.

A contagem regressiva para essa conquista já começou. A campanha de vacinação contra a doença realizada em maio deste ano é a última dos pecuaristas paranaenses. A elevação do nosso *status* sanitário deve incrementar nossa exportação de proteínas animais em geral, alcançando mercados que pagam mais, mas hoje estão fechados para os nossos produtos por conta da nossa condição em relação à febre aftosa. “Esse reconhecimento do distrito de Pando nos dá a certeza de que estamos no caminho certo”, finaliza Martins.

Novas regras para o setor leiteiro

Instruções Normativas 76 e 77 do Ministério da Agricultura passaram a valer no dia 30 de maio. Confira as principais mudanças



Ouça o áudio da matéria no nosso site sistemafaep.org.br

Desde o dia 30 de maio de 2019, estão valendo as novas regras para produção e padrão de qualidade do leite cru, pasteurizado e tipo A. O intuito dessas medidas é estabelecer critérios para obtenção de leite de qualidade e seguro ao consumidor, da produção até a industrialização. As normas constam nas Instruções Normativas (INs) 76 e 77 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), que substitui a antiga regulamentação, a IN 62.

Para o produtor, por exemplo, aspectos como organização da propriedade rural, instalações e equipamentos utilizados estão abarcados dentro dessa regulamentação. Na parte da indústria, foram definidos aspectos como o transporte e higienização de tanques, a necessidade de desenvolver programas de capacitação de fornecedores, quais devem ser os padrões de qualidade do leite antes do processamento, entre diversos outros procedimentos (veja mais detalhes na página seguinte).

Para produtores e indústrias, as INs promovem o estabelecimento de padrões mínimos de qualidade. A contagem bacteriana para o leite cru refrigerado na propriedade rural, por exemplo, segue em 300 mil unidades por mililitro (ml). Para as indústrias, o padrão de contagem bacteriana estabelecido é de 900 mil unidades por ml no silo da planta processadora. Este padrão garante a qualidade obtida na origem mesmo depois do transporte o leite.

Outro aspecto alterado é a temperatura do leite no ato do recebimento pelo estabelecimento industrial. Enquanto a IN 62 (antiga) permitia a recepção de leite a 10 graus, a nova norma reduziu a temperatura para 7 graus, permitindo, eventualmente, a variação de até dois graus positivos

(até 9 graus) no momento da recepção. Nas propriedades, a temperatura do leite no momento da coleta deve ser de até 4 graus.

“O principal objetivo das normativas é fechar o cerco sobre a qualidade do leite. Mesmo com os avanços e empenhos do setor na melhoria dos processos, ainda há a necessidade de avançar na qualidade do leite em nível nacional. Pela primeira vez, a legislação prevê a interrupção da coleta na propriedade no caso de não conformidade na contagem bacteriana”, destaca Guilherme Souza Dias, zootecnista do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Construção das normas

Para se chegar ao novo conjunto de regras, houve um longo processo de debate, que incluiu a contribuição de entidades ligadas ao setor produtivo. Entre abril e junho de 2018, ocorreram consultas públicas promovidas pelo Mapa. A construção das INs contou com a participação ativa da FAEP e a Aliança Láctea Sul Brasileira, com contribuições significativas.

“O setor lácteo do Paraná e de todo o Sul do Brasil está comprometido há muito tempo em promover ações que elevem a qualidade do leite. Essas novas regras, que tiveram a participação em sua elaboração de diversos elos da cadeia produtiva, colocam no papel esse esforço diário dos produtores e indústrias de aprimorar seus processos e garantir ainda mais qualidade em cada etapa da produção leiteira”, avalia Ronei Volpi, presidente da Comissão Técnica de Bovinocultura de Leite da FAEP.



Confira perguntas e respostas sobre as novas INs:

Para atendimento da normativa é válida a data da coleta da amostra do leite cru refrigerado ou da sua análise pelo laboratório da Rede Brasileira de Laboratórios de Controle de Qualidade do Leite (RBQL)?

Conforme artigo 40 da IN 77/2018, a coleta da amostra deve ser no mínimo mensal, portanto o que é válida é a data da coleta e não da análise da amostra.

Considerando que a norma entrará em vigor 180 dias após a sua publicação, a partir de qual momento devem ser considerados os resultados de Contagem Padrão de Placas (CPP) para fins da possível interrupção da coleta?

O resultado do mês subsequente à entrada em vigor será o primeiro a compor a média geométrica. A norma foi publicada em 30/11/18 e entrará em vigor dia 30/05/19. Assim, o resultado de CPP de junho, julho e agosto comporá em agosto de 2019 a primeira média geométrica a ser considerada. Caso não ocorra a correção em setembro e outubro, a interrupção será realizada no mês de outubro considerando o resultado de 3 meses consecutivos de médias geométricas fora do padrão de CPP.

Para o retorno da coleta do leite deve ser apresentado resultado da média geométrica de CPP dentro do padrão?

Não. O resultado único de uma nova amostra analisada pela RBQL

para CPP dentro do padrão regulamentar é suficiente para a retomada da coleta do leite na propriedade rural, como consequência da identificação e correção das causas que levaram a não conformidade, conforme parágrafo único do artigo 45 da IN 77/2018.

A vinculação de novos produtores citada no artigo 49 IN 77/2018 pode incluir produtores que tiveram a coleta interrompida em outro estabelecimento devido aos resultados de CPP fora do padrão?

Sim, porém para a adesão de novos produtores deve ser apresentado resultado de CPP emitido por laboratório da RBQL dentro do padrão, bem como ser verificada a adoção das boas práticas agropecuárias na propriedade rural.

No caso de haver mais de um resultado de análise de Contagem de Células Somáticas (CCS) e CPP no mesmo mês, como se calcula a média geométrica trimestral?

De acordo com o artigo 7º da IN 76/18 dos resultados de coletas realizadas no mesmo mês deve ser realizada a média geométrica do mês, que então será utilizada para compor a média geométrica trimestral. Exemplificando: se no mês de setembro forem coletadas duas amostras, far-se-á a média geométrica destas duas e o resultado desta média irá compor a média trimestral com os resultados dos meses de outubro e novembro.

Para acessar o documento completo, elaborado pelo Mapa, basta acessar o site www.sistemafaep.org.br, na seção "Serviços".

Atraso no plantio dos EUA abre oportunidades para produtores paranaenses

Americanos enfrentam o maior volume de chuva desde 1883. Há registros até de tornados em parte do cinturão agrícola

Por Antonio C. Senkovski

Nessa época do ano, as lavouras do cinturão do milho (*Corn Belt*) dos Estados Unidos deveriam estar cobertas de pequenas plantas do cereal e soja emergindo do solo. Mas na maior parte dos Estados que compõe as áreas produtivas norte-americanas, o que se vê são campos inundados, máquinas paradas e prejuízos a perder de vista. O mau tempo, que inclui o maior volume de chuvas da história e até mesmo furacões, está travando o avanço da semeadura da safra 2019/20 no maior

produtor de grãos do mundo. E isso tem deixado os mercados agitados, inclusive no Brasil, onde os especialistas indicam a abertura de uma janela de oportunidades.

Números do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) mostram que nunca, na história, o plantio dos Estados Unidos esteve tão atrasado como neste ano (ver gráfico). O período ideal para o plantio do milho acabou na primeira semana de junho em todos os Estados. Para piorar, o calendário de semeadura para a soja se fecha nas próximas duas semanas. Apesar disso, ainda há pelo menos 40 milhões de hectares das duas culturas sem que sementes tenham ido ao chão, segundo estimativas de consultorias americanas.

E a previsão do tempo é desanimadora. Em lugares como o Missouri e Chicago, onde houve, respectivamente, 300% e 250% de chuva acima da média em maio, a previsão é de que sigam ocorrendo de forma intensa nas próximas semanas.

“Os brasileiros serão favorecidos, porque o milho está muito barato no mundo, e vamos ganhar muito preço”

Liones Severo, diretor do SIMConsult





Terra arrasada

Já é dado como certo um significativo volume de áreas que não terão plantio nesta temporada, apesar de não haver estimativas oficiais do USDA. É o que explica o diretor da consultoria ARC Mercosul, com sede em Chicago, Mathews Pereira. “O que presenciamos é uma situação de calamidade. É impossível que o produtor americano consiga cobrir toda a área prevista para plantio inicialmente”, diz o especialista (ver gráfico na página seguinte). “Temos que lembrar que a chuva nos Estados Unidos é muito mais agressiva em termos de prejuízos do que a seca, pois o solo é muito mais argiloso que o brasileiro. Então, se chove, ele retém muita água e depois que a umidade penetra no solo, dificilmente é dissipada”, completa.

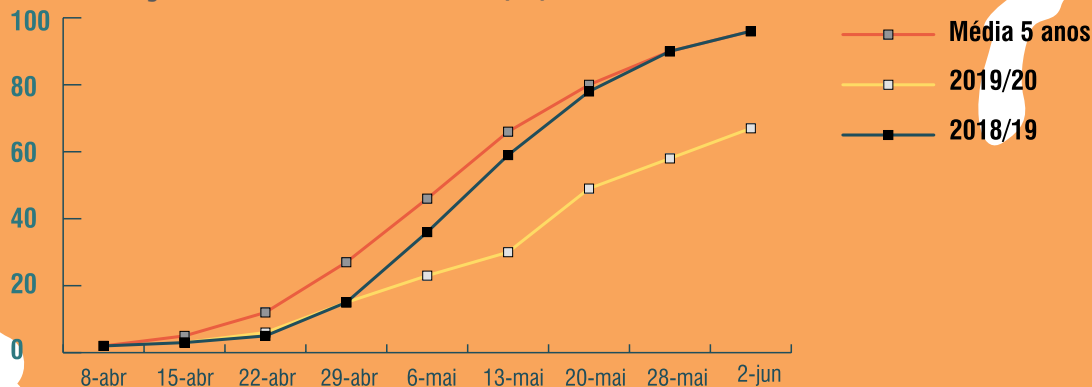
No universo dos produtores rurais estadunidenses, 85,7% contrataram seguros agrícolas, com apólices que possuem cláusulas do que se chama de prevenção de plantio. “Nessas últimas semanas, temos dado mais atenção à análise de viabilidade de adesão ao Programa de Prevenção de Plantio, que paga literalmente para aquele talhão não ser semeado”, revela. “Mas acontece que os americanos possuem estoques de nível recorde da última safra, perto de 50 milhões de toneladas de soja. Por mais que seja uma safra com problemas climáticos, ainda assim temos muito estoque. As oportunidades para os brasileiros serão, na minha opinião, de curto prazo. A safra não vai ser grande, mas vai empilhar safra sobre estoque”, pondera.

Guerra comercial

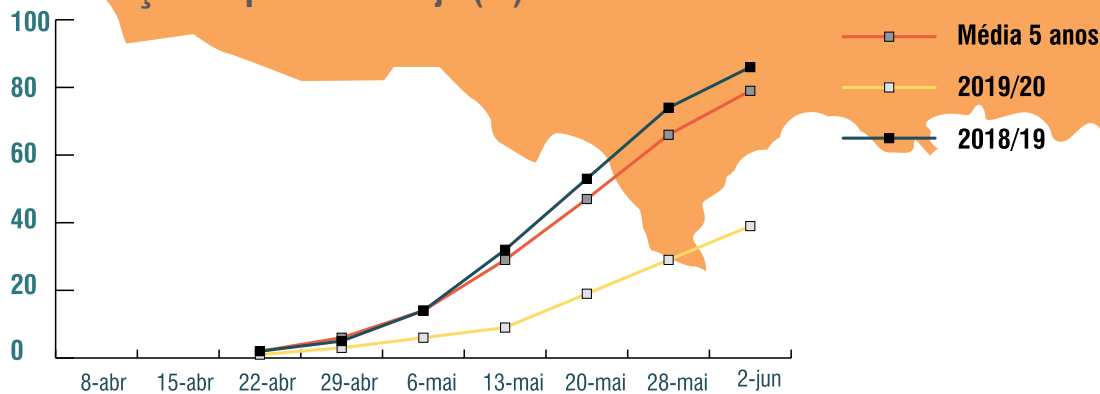
A analista de mercado Ana Luiza Lodi, da INTLFCStone, avalia que a situação nos Estados Unidos está, sim, complicada, mas que é preciso esperar para saber qual será a área efetivamente plantada antes de especular o mercado. “Nesse momento, as atenções estão voltadas para clima nos Estados Unidos, mas temos também a guerra comercial com a China. Por mais que os dois países estejam em diálogo, houve um acirramento recen-

Plantio mais atrasado da história nos EUA mexe nas cotações de milho e da soja, refletindo em preços melhores para os produtores brasileiros

Evolução do plantio do milho (%)



Evolução do plantio da soja (%)



Fonte: USDA | Elaboração: DTE FAEP

Produção dos EUA em 2018 e estimativa para 2019 em 10 de maio*

Soja	Milhões de t.
2018/19	123,6
2019/20	112,9
Milho	Milhões de t.
2018/19	366,3
2019/20	381,7

Fonte: USDA

*Antes das chuvas causarem estragos significativos

Evolução da cotação da soja no contrato jul/19 em Chicago no mês de maio

+ 2,5% (US\$ 8,72)**

Cotação (US\$ por bushel)

Evolução da cotação da soja no mercado físico, em Cascavel, no mês de maio

+ 12,5% (R\$ 71,50)**

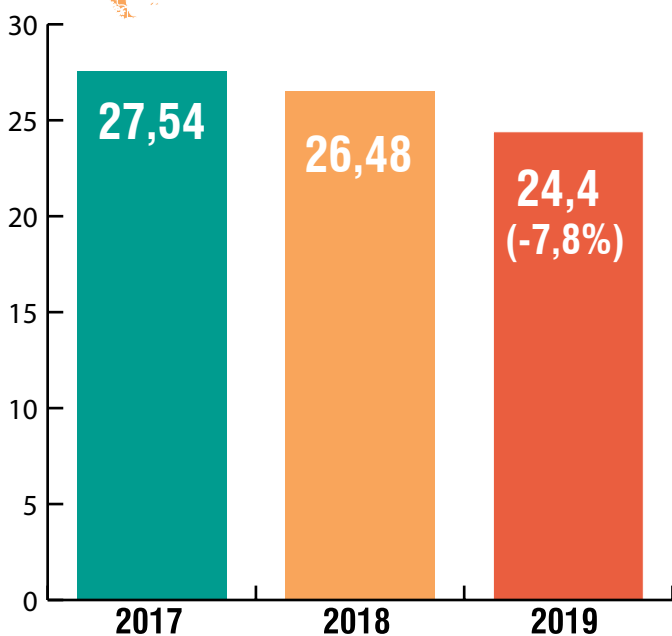
Cotação (R\$/saca)

** Valor registrado no dia 31 de maio de 2019

300%

É a quantidade de chuva registrada em Missouri acima da média histórica de maio. Em Chicago, o índice chegou a 250%

Importações de soja pela China nos primeiros quatro meses (milhões de t)



Fonte: Alfândega Chinesa | Elaboração: INTLFCstone

te e isso favoreceu os preços aqui no Brasil (ver prêmio da soja na página seguinte). Porque se, realmente, for olhar a questão da tarifa imposta pelos EUA (25%), é mais vantajoso comprar soja do Brasil”, avalia.

A demanda chinesa por soja com os problemas enfrentados pelo país asiático com a peste suína também gera preocupação por parte dos analistas. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) estima que pelo menos 2,6 milhões de animais precisaram ser sacrificados nos últimos meses. “Os países levam um tempo para se ajustar quando ocorre esse tipo de problema. Se a China começar a comprar muita carne, os mercados de grãos também têm que se ajustar. Nessa hipótese poderia haver um período de demanda um pouco mais fraca pela soja, mas é preciso esperar [ver gráfico das importações de soja pela China ao lado]”, reflete.

Peste suína e demanda

Para o diretor do SIMConsult, Liones Severo, a questão da peste suína na China está relativamente assentada, com um progresso considerável da vacinação pelo país e outras medidas adotadas, como o abate dos suínos saudáveis um pouco mais pesados, com 150 quilos ao invés de 110 quilos. Outro aspecto está no aumento do alojamento de frangos e a produção de ovos, para compensar a oferta de proteína animal aos consumidores chineses. “Não dá para subestimar os chineses. Não vai diminuir a demanda, eles têm comprado muita soja no Brasil”, enfatiza.

Severo concorda que a situação dos Estados Unidos é dramática, com efeitos bastante significativos para o mercado internacional. “Vai impactar muito nos preços. Com o produtor americano deixando de plantar muito milho, a quebra irá engolir todo o estoque. O governo vai indenizar áreas afetadas por enchentes. Condados inteiros estão declarando área de desastre federal. Tanto a soja como o milho, as indenizações pagas pelos seguros vão remunerar muito mais do que se o produtor fosse plantar”, prevê.

Corn Belt

Estados que compõem o cinturão agrícola nos EUA: Dakota do Sul, Nebraska, Kansas, Missouri, Iowa, Minnesota, Illinois, Indiana, Ohio, Wisconsin e Michigan.

Ainda, de acordo com o especialista, o cenário ruim nos Estados Unidos irá favorecer o mercado brasileiro. E, para Severo, não apenas no curto prazo. “Os brasileiros serão favorecidos, porque milho está muito barato no mundo, e vamos ganhar muito preço. Na soja, temos um bom volume para negociar, e podemos ter avanços. Tem uma grande oportunidade disso acontecer, mas o produtor ainda deve esperar, porque é completamente imensurável a capacidade do mercado subir para o ano que vem. Pode ir em direção das máximas de todos os tempos. O desenho de preços é esse. A não ser que fique muito bom o tempo de uma hora para a outra e que a safra se recupere, o que não parece que vai acontecer”, considera.

Prêmio e preços

A guerra comercial entre China e Estados Unidos tem sido um dos principais fatores a mexer no chamado prêmio pago à soja brasileira. O valor é definido por uma série de fatores e pode ser acrescentado (ágio) ou retirado (deságio), dependendo do equilíbrio desses elementos (guerra comercial e chuva no porto, respectivamente, por exemplo). Os conflitos entre China e Estados Unidos têm feito o prêmio pago pela soja brasileira subir. No contrato de julho de 2019, para se ter ideia, em maio de 2016 eram pagos US\$ 0,80 por saca. No começo de maio de 2019, esse valor estava em US\$ 0,45 e chegou no fim do mês a US\$ 1,16 – aumento de 157%.

A evolução de preços em Chicago, no período de 1º a 31 de maio, foi de US\$ 8,51 para US\$ 8,72, o que representa 2,46%. A influência do prêmio maior refletiu na cotação interna da soja no Paraná.

Em Cascavel, por exemplo, o preço da soja estava em R\$ 63,50 no início de maio e bateu R\$ 71,50 no dia 29 de maio – aumento de 12,6%. Isso freia um pouco essa tendência de alta o câmbio, que tem se desvalorizado com as expectativas de aprovação da Reforma da Previdência aqui no Brasil e possível melhora nos índices econômicos nacionais, como pode ser constatado na análise a seguir.



Por Luiz Eliezer Ferreira
Economista do DTE
Sistema FAEP/SENAR-PR

Chuva no Norte do globo influencia preços no Sul

O clima adverso, caracterizado pelo excesso de chuvas nas lavouras norte-americanas, é neste momento, o principal fator de alta nas cotações internacionais. O relatório do Departamento de Agricultura dos EUA, do dia 3 de junho, trouxe o maior atraso de plantio da série histórica. Até um dia antes, apenas 39% da área destinada a soja haviam sido plantadas, contra 86% em igual período do ano passado e 79% na média dos últimos cinco anos. A perspectiva é de que as chuvas continuem, pelo menos, para as próximas semanas. O trabalho prejudicado no campo certamente trará impacto negativo sobre a produção.

As cotações da soja no CBOT abriram o dia 4 de junho subindo acima dos 8 pontos (cents/US\$). O contrato para setembro/19 já está sendo negociado acima dos US\$ 9/bushel. A alta no mercado internacional repercutirá nos preços internos da oleaginosa.

No milho, o mercado climático tem dado o tom também nas altas no CBOT. O plantio está em 67% da área destinada a cultura nesta temporada, contra 96% de média nas últimas cinco temporadas. O relatório do USDA trouxe ainda o percentual do milho que já emergiu. Na temporada atual, 46% do milho plantado já germinaram contra 84% na temporada passada. Já são esperadas repercussões negativas sobre a produção.

As cotações do milho no CBOT também abriram em alta no dia 4 de junho. O contrato com vencimento em setembro está sendo negociado a US\$ 4,38 alta de 1,5% ante o observado no fechamento do pregão de 03/06. No mercado interno, neste início de junho, o indicador para o milho no mercado interno tem registrado baixa. A cotação do milho recuou 2,05% em 3 de junho, resultado também do recuo recente do dólar. Olhando para este cenário muitos produtores devem segurar um pouco ainda a comercialização, à espera de novas altas.

Anibelli aborda retirada da vacina contra aftosa na Alep

Em sessão plenária, o deputado estadual ressaltou a importância da decisão para o Paraná



Deputado estadual Antônio Anibelli Neto (MDB) em sessão na Assembleia Legislativa

No dia 4 de junho, o deputado estadual Antônio Anibelli Neto (MDB) levantou a discussão sobre a retirada da vacinação contra febre aftosa no Paraná e a conquista do novo *status* sanitário do Estado durante sessão plenária da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep). Em seu pronunciamento, Anibelli, que preside a Comissão de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural, destacou a importância dos fóruns realizados pelo governo do Estado com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR e outras instituições, que aconteceram durante o mês de maio em seis municípios do Paraná.

“Foram pessoas de diversos municípios, tirando as dúvidas, dizendo como está o Paraná em relação aos demais Estados. Não falo com o sentimento político, mas com o embasamento técnico pautado em auditorias que o Mapa [Ministério da Agricultura] fez”, ressaltou Anibelli.

O deputado apontou a ausência de circulação do vírus da aftosa no Estado e que esse é o momento para a união da sociedade paranaense em prol do tema. “É o sonho de milhares de paranaenses que o Estado seja livre da aftosa sem vacinação”, destacou, no pronunciamento.

Anibelli, ainda, reforçou a importância dos encontros do Fórum Regional Paraná Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação por trazerem informações técnicas e objetivas para que o novo *status*

se concretize. “Estou extremamente feliz em percorrer o Estado do Paraná, em participar desse fórum e discutir com a sociedade a respeito do momento que vivemos. Tenho a convicção que a estratégia adotada pelo governador através do secretário de Agricultura é a melhor possível e deve avançar com responsabilidade [...] independentemente de quem é governo ou oposição, o povo paranaense vai sair ganhando muito com isso”, concluiu.

Fóruns

Durante o mês de maio, os encontros do Fórum Regional Paraná Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação percorreram os municípios de Paranavaí (14), Cornélio Procopio (15), Guarapuava (21), Pato Branco (22), Cascavel (23) e Curitiba (29). Os eventos contaram com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab), Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares do Estado do Paraná (Fetaep), Sistema Ocepar, além de entidades locais que colaboraram com recursos físicos, como prefeituras, Sociedades Rurais de Cornélio Procopio e Pato Branco, Fiep e Unicentro.

Céu do Brasil comprovou a hipótese de Einstein

Experimento realizado em Sobral, no Ceará, em 1919, confirmou a Teoria da Relatividade Geral do cientista alemão

Há cem anos, um grupo internacional de astrônomos conseguiu comprovar os postulados da Teoria da Relatividade Geral, de Albert Einstein. Superou quase dois séculos de física newtoniana e catapultou o cientista alemão ao posto de maior celebridade global da ciência. De quebra, os pesquisadores inscreveram o município brasileiro de Sobral, no Ceará, e a Ilha de Príncipe, na África, na história da ciência mundial.

“O problema concebido pela minha mente foi respondido pelo luminoso céu do Brasil”, escreveu Einstein, em uma dedicatória feita ao empresário Assis Chateaubriand, em 1925, em visita ao Rio. O cientista não participou do experimento em Sobral. Mas 100 anos depois, no último mês de março, a prefeitura de Sobral inaugurou uma estátua de Albert Einstein.

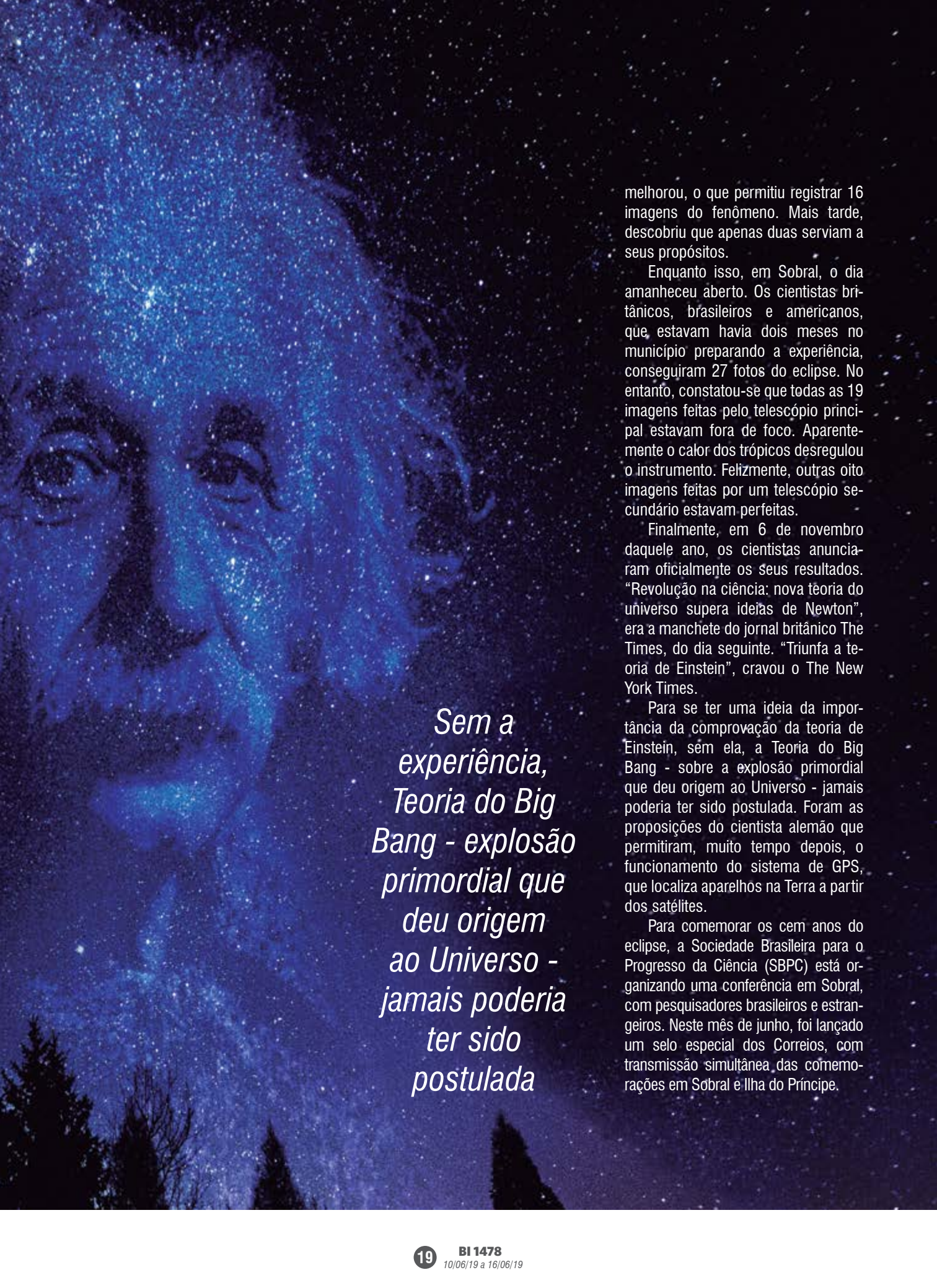
As duas remotas localidades eram os lugares mais privilegiados do planeta para a observação do eclipse total do Sol previsto para 29 de maio de 1919. E os cientistas estavam dispostos a ter a melhor visão possível do fenômeno astronômico. Suas observações poderiam provar - ou refutar - a mais revolucionária ideia já apresentada na ciência moderna.

Na teoria apresentada em 1915, Einstein argumentava que a gravidade não era uma força que atuava sobre os objetos, como Isaac Newton havia proposto. Em vez disso, propunha Einstein, a massa dos objetos é que fazia com que o espaço se curvasse. Dessa perspectiva, um corpo em órbita do Sol se deslocaria em linha reta, mas em um espaço curvado pela massa da estrela. E até mesmo um feixe de luz sofreria um desvio ao passar por esse trecho curvado do espaço.

A observação de um eclipse hoje é corriqueira. Há um século, quando o mundo ainda se recuperava da 1ª Guerra Mundial, porém, os recursos para a ciência eram escassos, a tecnologia fotográfica era ainda primitiva, e o calor úmido daquelas regiões interferia no bom funcionamento dos instrumentos.

O Reino Unido organizou duas expedições de observação do fenômeno. Uma seguiu para a Ilha do Príncipe, enquanto a outra foi para Sobral. Ambas deveriam estudar determinadas estrelas da constelação de Touro, em frente às quais o sol eclipsado passaria.

Se a posição aparente dessas estrelas fosse alterada em relação à imagem padrão disponível delas, isso indicaria que a massa do Sol estava causando uma curvatura no espaço - como previsto por Einstein. O dia amanheceu nublado e chuvoso em Príncipe, o que impediria o registro do eclipse. Conforme a manhã avançava, no entanto, o tempo



*Sem a
experiência,
Teoria do Big
Bang - explosão
primordial que
deu origem
ao Universo -
jamais poderia
ter sido
postulada*

melhorou, o que permitiu registrar 16 imagens do fenômeno. Mais tarde, descobriu que apenas duas serviam a seus propósitos.

Enquanto isso, em Sobral, o dia amanheceu aberto. Os cientistas britânicos, brasileiros e americanos, que estavam havia dois meses no município preparando a experiência, conseguiram 27 fotos do eclipse. No entanto, constatou-se que todas as 19 imagens feitas pelo telescópio principal estavam fora de foco. Aparentemente o calor dos trópicos desregulou o instrumento. Felizmente, outras oito imagens feitas por um telescópio secundário estavam perfeitas.

Finalmente, em 6 de novembro daquele ano, os cientistas anunciaram oficialmente os seus resultados. "Revolução na ciência: nova teoria do universo supera ideias de Newton", era a manchete do jornal britânico The Times, do dia seguinte. "Triunfa a teoria de Einstein", cravou o The New York Times.

Para se ter uma ideia da importância da comprovação da teoria de Einstein, sem ela, a Teoria do Big Bang - sobre a explosão primordial que deu origem ao Universo - jamais poderia ter sido postulada. Foram as proposições do cientista alemão que permitiram, muito tempo depois, o funcionamento do sistema de GPS, que localiza aparelhos na Terra a partir dos satélites.

Para comemorar os cem anos do eclipse, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) está organizando uma conferência em Sobral, com pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Neste mês de junho, foi lançado um selo especial dos Correios, com transmissão simultânea das comemorações em Sobral e Ilha do Príncipe.

SENARs de outros Estados buscam treinamento no Paraná

Colaboradores de instituições passam por capacitação técnica e, posteriormente, fazem adaptações regionais

Fomentar a formação profissional e a promoção social das pessoas do meio rural: essa é, em síntese, a missão do SENAR-PR. Em seus 26 anos de história, a instituição já contribuiu com a profissionalização e melhoria da qualidade de vida de milhares de produtores e trabalhadores rurais e seus familiares no Estado. Os resultados das ações e atividades capacitadoras do SENAR-PR, inclusive, ganham repercussão em outros Estados.

Na primeira quinzena de junho, por exemplo, a administração do SENAR do Espírito Santo irá promover uma capacitação dos seus técnicos do Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) no Centro de Treinamento para Pecuáristas (CTP) de Castro, na região dos Campos Gerais do Paraná.

O grupo, composto por 10 técnicos do SENAR-ES, fará um treinamento em “Manejo de Gado de Leite para Produtores”.

Segundo a coordenadora do ATeG do SENAR-ES, Cristiane Veronesi, o programa está com uma equipe técnica para atender a cadeia de leite, com perspectiva de aumentar o número de produtores assistidos. “Atualmente, são 95 produtores que estão sendo atendidos e queremos aumentar para mais 200. Essa capacitação vai nos ajudar”, conta.

A escolha pelo SENAR-PR se explica pela referência consolidada da instituição a nível nacional. “A decisão foi unânime”, revela a coordenadora do ATeG do SENAR-ES. “O pessoal já vinha falando de Castro, e quando surgiu a oportunidade de fazer a capacitação em leite, a primeira sugestão foi o SENAR-PR”, complementa.



Centro de Treinamento Pecuário, em Castro, é utilizado para os treinamentos na área de leite

Memória do Campo



O assessor técnico do SENAR-ES e responsável pela ordenação da viagem, Vinícius Tavares, revela, ainda, que o SENAR-PR é referência para o Espírito Santo em outros treinamentos e cursos. “Nós adaptamos algumas capacitações para a nossa regional. Então, a expectativa para essa visita é a melhor possível. Essa troca de conhecimentos só vem a acrescentar para a melhoria da qualidade da nossa assistência técnica ao produtor. Queremos melhorar nossa metodologia e trazer novos conhecimentos, pois o foco é o produtor rural”, evidencia. “Essa abertura para nós talvez seja a primeira de muitas outras”, complementa Tavares.

Recentemente, o SENAR-PR já ofertou capacitações para técnicos de Santa Catarina, e promoveu ações para os colaboradores do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater).

Infraestrutura de qualidade

Uma das mais antigas organizações de apoio aos produtores rurais da região Sul, o CTP de Castro é reconhecido em termos de genética animal, manejo, solo e clima. A Granja demonstrativa utilizada pelo CTP possui dois setores de produção: Pequena Unidade, com área de 15,5 hectares, com gado Jersey, e a Grande Unidade, com 92 hectares, com gado holandês e jersolando.

Em termos simples, a Pequena Unidade corresponde ao trabalho de um casal num rebanho de uma pequena propriedade, enquanto a Grande Unidade já tem objetivo de exploração comercial com aplicação de alta tecnologia. No total, são cerca de 770 animais no plantel. Em 2018, a produção foi de mais de 3,8 milhões de litros de leite.

O CTP de Castro tem como princípio-chave a formação conceitual. “O nosso trabalho é baseado em conceitos técnicos. Assim, os profissionais de outro Estado serão capazes de fazer pequenas adaptações porque aprenderam conceitos, como princípios de qualidade, boas práticas, protocolos, higiene, bons tratamentos, bem-estar animal, entre outros”, destaca o técnico do SENAR-PR Alexandre Lobo Blanco.

Um dos desafios dos técnicos do SENAR-ES será a adaptação climática, principalmente nas indicações de manejo, devido às diferenças entre o clima temperado dos Campos Gerais e o clima tropical capixaba. “Esse será o desafio. Mas conhecendo o princípio, é possível aplicar em qualquer sistema produtivo. É assim que o SENAR-PR trabalha”, observa Lobo Blanco, que irá acompanhar a visita do grupo do Espírito Santo.

Os cursos ofertados pelo CTP de Castro trabalham conhecimentos técnicos e vivências práticas, ofertando uma filosofia de criação com base na ciência animal para que o produtor esteja apto a tomar decisões.

“É o gargalo que a gente precisa, a união da vivência no campo com a parte técnica para dar uma guinada na produção de leite no Espírito Santo. Por ser do próprio sistema, por ser SENAR, por saber do trabalho com a cooperativa de leite de Castro, isso mostra a importância de capacitar os nossos técnicos, além da excelência do trabalho do Paraná”, resume Cristiane.



Conexão rural

Há exatos 20 anos – na edição de 7 de junho de 1999 – o Boletim Informativo destacava o programa Salas do Produtor, que conectou à internet os 150 sindicatos rurais que, então, estavam em atividade no Paraná. Hoje, pode parecer algo simples, mas a conexão online representou um grande avanço na época, oferecendo mais agilidade aos agropecuaristas associados.

Cada Sala do Produtor era equipada com computador com acesso à internet, impressora, televisão, videocassete e antena parabólica. A ideia era que os produtores rurais usassem esses espaços para ter acesso a inúmeros serviços disponíveis pela rede, como previsão do tempo, cotação de *commodities*, informações sobre o câmbio e até para consultar sites de órgãos públicos.

Hoje, o Paraná conta com 174 sindicatos rurais e as plataformas digitais são uma realidade consolidada. O produtor tem acesso a uma série de serviços pela internet, de forma rápida e segura. O site do Sistema FAEP/SENAR-PR mantém o agropecuarista atualizado, com notícias do setor, vídeos, galerias de imagens e informações detalhadas sobre os principais programas. Uma das iniciativas da casa, o Programa Empreendedor Rural (PER) já experimenta o uso de *tablets* e materiais didáticos exclusivamente digitais.

A um passo da certificação nacional

Granja Comunello, em Francisco Beltrão, planeja aumentar o plantel e expandir a produção. Virada começou a partir de uma capacitação do SENAR-PR

Uma propriedade rural localizada em Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná, está a um passo de conquistar certificação nacional na produção leiteira. Atualmente com 70 animais em lactação e com produção diária de 35 litros por vaca, a Granja Comunello já passou por todas as etapas exigidas pelo programa Leite Saudável, do governo federal, que tem por objetivo melhorar a qualidade dos produtos lácteos e atestar a excelência de pecuaristas leiteiros que atendem a altos padrões técnicos.

A última etapa do processo de certificação ocorreu na segunda semana de maio deste ano, quando fiscais do Serviço de Inspeção Federal do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vistoriaram a propriedade. A expectativa dos produtores é de que, a partir disso, a certificação seja expedida já nos próximos meses.

“Isso será um atestado de que temos essa sustentabilidade na propriedade. Quando se tem todos os processos na mão, se consegue fazer o negócio andar de forma mais correta”, define Maciel Comunello, um dos proprietários da fazenda.

Profissionalização

Neste contexto, Comunello afirma que um ponto foi decisivo: em 2008, ele frequentou a Formação por Competência, programa de capacitação do SENAR-PR, que se estendia por seis meses e que ajudava o produtor a pensar seu negócio de forma profissional e empreendedora. “Foi um curso top, que me ajudou muito. É claro que investimento é importante, mas o pecuarista precisa ter a visão de empreendedor”,



Maciel Comunello e o filho Bernardo: expectativa pela certificação

diz o proprietário da Granja Comunello.

O programa Formação por Competência foi uma iniciativa pioneira, a partir da qual o SENAR-PR desenvolveu uma inovação tecnológica que permitiu com que se chegasse à formatação dos cursos que se tem hoje. Atualmente, o SENAR-PR dispõe, por exemplo, de mais de 10 cursos voltados à pecuária leiteira, inclusive no que diz respeito à qualidade do leite.

“Foi a partir do Formação por Competência que chegamos à metodologia didática que temos atualmente. Foi um salto”, diz o médico veterinário Alexandre Lobo Blanco, técnico do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Este aspecto da qualidade é muito importante, porque dá ao produtor condições de ele valorar o seu produto e de negociar bônus com os laticínios, recebendo por qualidade”, completa.



Execução dos processos

A adequação da Granja Comunello aos padrões exigidos pelo Leite Saudável foi executada em coparticipação com a empresa Líder Alimentos, que atuou junto a um total de 101 produtores que fornecem leite. Há um ano no programa, Maciel Comunello profissionalizou, ao longo deste período, todas as etapas da produção, com investimentos em tecnologia e com a adoção de técnicas de sanidade, genética, manejo e bem-estar animal.

Por meio da empresa de laticínios, o Leite Saudável aplica um *check-list* de boas práticas agropecuárias, com pontuação para os itens atendidos. Dos 230 pontos totais, a propriedade precisa superar 180 para conseguir a certificação. Dentre os itens, destaque para os indicadores de qualidade. O leite precisa manter, ao longo dos últimos três meses, Contagem de Células Somáticas (CCS) abaixo de 400 mil células por mililitro e Contagem Bacteriana (CBT) abaixo de 100 mil unidades formadoras de colônia por mililitro.

“No nosso caso, adotamos uma série de medidas para baixar a Contagem Bacteriana e Contagem de Células Somáticas. Foi um conjunto de ações para

melhorar a qualidade do nosso leite”, aponta Comunello. “O próximo passo é, até o fim do ano, automatizarmos completamente a nossa ordenha, por meio de robôs”, complementa.

Com a automação da ordenha, a meta estipulada é de ampliar de duas para três o número de ordenhas diárias por animal. Além disso, o produtor projeta ampliar o plantel de vacas em lactação para 100 cabeças.

A certificação do Mais Leite confere um selo à qualidade ao produto e, de quebra, abre portas para que o pecuarista seja remunerado por critérios de qualidade, o que representa o recebimento de um preço maior pelo litro entregue. Mas os benefícios vão além: atesta que a propriedade está gerida de modo sustentável, em todas as etapas produtivas. Desta forma, o produtor consegue planejar de forma mais concreta o crescimento do seu negócio.

“Toda a propriedade está certificada, desde a alimentação dos animais até o frete ao laticínio. Com isso, além de agregar valor à mercadoria e de ter certeza que estamos acima dos padrões exigidos, a gente consegue traçar um plano de ação”, diz o pecuarista.

Confira os cursos oferecidos pelo SENAR-PR na área de pecuária leiteira:

- Boas práticas na propriedade leiteira
- Inseminação artificial na bovinocultura de leite
- Manejo e ordenha
- Manejo e ordenha - instituições de ensino
- Seminário sobre qualidade do leite
- Qualidade do leite - laticínios
- Casqueamento de bovinos de leite
- Avaliação da conformação ideal de vacas leiteiras
- Manejo de gado de leite (CTP)
- Manejo de gado de leite para funcionários (CTP)

Clima prejudica safra 2018/19

Quebra na casa de 30% e perda na qualidade dos grãos se somam à queda nos preços do produto



A estiagem que atingiu o Paraná no final de 2018 e começo de 2019 pode ter comprometido parte significativa da produção estadual de café. Segundo relato de alguns produtores, a quebra na safra atual deve chegar a 30%. Paralelamente a isso, o preço do grão também recuou neste período, impactando negativamente a renda dos cafeicultores.

As altas temperaturas acarretaram floradas desuniformes, com maturação precoce dos frutos. Além disso, a onda de calor pegou as plantas no momento de enchimento dos grãos, trazendo prejuízos na qualidade do produto final. “Este ano a colheita começou no início de abril, quase um mês antes do previsto. Além da queda no volume produzido também tivemos grãos menores”, aponta a engenheira agrônoma do Sistema FAEP/SENAR-PR, Jéssica D’angelo.

A quebra deve alterar a estimativa inicial do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab), que, no início de maio, previa uma produção entre 1 milhão e 1,1 milhão de sacas de 60 quilos. De acordo com o 2º Levantamento Ano/Safra da entidade, durante os anos normais ocorrem três floradas, entre setembro e novembro. Já na atual safra, foi comum a ocorrência de cinco floradas entre julho e dezembro. “Tal situação atrapalhou a eficiência dos tratos culturais e deverá prejudicar o planejamento da colheita”, afirma o documento. Com o maior número de flo-

rações, o café amadurece de maneira desigual, o que significa mais dias de trabalho para colher os grãos e menor qualidade da produção.

No município de Carlópolis, na região do Norte Pioneiro, maior produtor de café do Estado, o clima prejudicou as lavouras. Para o produtor Marcelo Teixeira, que cultiva 72 hectares, a perda está contabilizada entre 30% e 35% da produção. “Já tiramos [os frutos] da árvore, então já dá para ter uma noção do prejuízo. Num ano bom conseguia até 60 sacas [de 60 quilos] por hectare, mas esse ano vai dar 35 sacas no pau da goiaba”, calcula.

Segundo Teixeira, em janeiro a temperatura atingiu picos de 43°C na sua propriedade. “Meu pai tem 87 anos, é cafeicultor há mais de 50 anos e diz que nunca viu um calor tão grande. Chegou a cozinhar o café”, afirma.

O estrago também afetou as lavouras de outros produtores da região. “Com os meus vizinhos foi igual. Se juntar a quebra com a queda no preço, ultrapassa 50% de prejuízo”, diz Teixeira. Com parte da sua produção classificada como café especial e encaminhada para o mercado internacional, o produtor também lamenta que o clima tenha afetado a qualidade dos grãos. “Normalmente chego a fazer 40% de [café] especial. Nessa safra, com dificuldade, devo fazer 20%”, avalia.



Cursos do SENAR-PR na área de cafeicultura:

- **Plantio** – 24 horas
- **Colheita manual** – 8 horas
- **Podas e desbrotas** – 8 horas
- **Manejo de pragas e doenças** – 8 horas
- **Processamento e secagem** – 16 horas
- **Degustador de café:**
Classificação Oficial Brasileira – 32 horas
- **Degustador de café:**
Cafés especiais – 40 horas

Para o segundo semestre deste ano estão previstos dois novos cursos:

- **Torra de cafés especiais**
- **Comercialização de café**

Em Ribeirão do Pinhal, também no Norte Pioneiro, a produtora Raquel Nader Fraiz calcula que irá amargar quebra de 25% nos primeiros lotes beneficiados. Com 84 hectares dedicados ao café, ela conta que, além do volume, a qualidade da produção também foi afetada pelo clima. “Afetou tanto na granulometria, que é o tamanho dos grãos, na renda [proporção de fruto coco em relação ao beneficiado], como também na qualidade da bebida. Como o ciclo da cultura foi muito reduzido, faltando o tempo necessário para o bom desenvolvimento dos grãos, a incorporação de atributos que dão qualidade à bebida foi reduzida”, avalia.

Para agravar a situação, o preço do café também vem apresentando expressiva redução. De acordo com o Deral, em abril o preço médio recebido pelos cafeicultores foi de R\$ 364,46 por saca, valor 11,2% menor do que no mesmo período de 2018. Quando comparado à média anual, o preço da saca ficou em R\$ 380,76 em 2019, contra R\$ 407,30 em 2018 e R\$ 439,65 em 2017. “A média de 2019, indica uma queda de 48% em comparação com 2011, o que torna a cafeicultura atual insustentável”, aponta Jéssica, do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Para a produtora Raquel, este é um cenário desesperador. “Fica muito difícil honrar todos os compromissos de financiamentos bancários e a própria manutenção familiar, pois a

receita obtida está reduzida em 50%, que é a soma de 25% de quebra efetiva na produção mais os 25% de redução nos preços do café”, avalia.

Também o produtor Teixeira, de Carlópolis, crê que neste ano será difícil fechar as contas com produção e preços nesta situação. “Falta apoio do governo para garantir o preço. Precisamos de um preço mínimo para o café”, observa.

Geadas

Depois do calorão, agora é o frio que ronda as lavouras paranaenses de café. Neste ano, a ocorrência de geadas não está descartada. Pelo contrário, o Instituto Agronômico do Paraná (Iapar) já disponibilizou seu “Alerta de Geadas”, que informa se há condições atmosféricas para este evento climático.

Como medida preventiva, é possível amontoar terra junto ao tronco dos pés de café em lavouras entre 6 e 24 meses, como forma de proteção das gemas vegetativas. Nas lavouras mais novas (até seis meses) é possível enterrar as mudas totalmente, desenterrando quando cessar o risco de geadas.

O Iapar possui um Boletim Diário que informa o risco de geadas que pode ser consultado pelo telefone (43) 3391-4500. Para receber o Alerta Geadas por e-mail e/ou torpedo no celular, é preciso fazer o cadastro no site do instituto www.iapar.br.

Campo Futuro na cana de açúcar

Nos dias 28 e 29 de maio, os municípios de Jacarezinho e Cianorte receberam o projeto Campo Futuro Cana de Açúcar, painel desenvolvido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR em parceria entre a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), sindicatos rurais e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), com o objetivo de discutir os custos de produção da cultura na região. Nos dois eventos, participaram do levantamento produtores, gerentes agrícolas de usinas, técnicos da ESALQ (Piracicaba) e do Sistema FAEP/SENAR-PR.



Cianorte



Jacarezinho



FAEP e Sanepar na conscientização das crianças

No dia 5 de junho, o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, e a consultora do SENAR-PR Patrícia Lupion Torres, estiveram reunidos com o diretor-presidente da Sanepar, Claudio Stabile, diretor de Operações, Paulo Dedavid, e diretor de Meio Ambiente, Julio Gonchorosky, para alinhar um futuro apoio da entidade ao Programa Agrinho. “Todo o programa que, de forma preventiva, leva a crianças e adolescentes informações da importância do cuidado com o meio ambiente deve ter o apoio das iniciativas privada e pública. Parabéns a FAEP pelo Programa Agrinho”, destacou Stabile.

Produtoras doam R\$ 31 mil à Acas

O Núcleo da Mulher do Sindicato Rural de Cascavel realizou a doação de R\$ 31,2 mil à Associação Cascavelense de Amigos dos Surdos (Acas). O valor é resultado de uma campanha de venda de pizzas criada pelas produtoras rurais e irá ajudar na construção da nova sede da entidade, mantenedora do Centro de Apoio Pedagógico e da Escola Bilingue, onde estudam alunos surdos de Cascavel e de municípios vizinhos, em turno e contraturno. O grupo de produtoras rurais realiza duas campanhas beneficentes por ano, sempre com entidades diferentes.



Conselho dos produtores de cana-de-açúcar do Estado do Paraná / CONSECANA-PR

RESOLUÇÃO Nº 03 - SAFRA 2019/2020

Os Conselheiros do Consecana-Paraná, reunidos no dia 30 de maio de 2019, na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo aos dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em maio de 2019 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2019/2020, que passam a vigorar a partir 1º de junho de 2019.

Os preços médios do kg do ATR, por produto, obtidos no mês de maio de 2019, conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

PREÇO DO ATR REALIZADO EM MAIO DE 2019 - SAFRA 2019/20 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,55%	49,55	1,18%	48,99
AME	32,41%	58,16	30,33%	54,32
EAC - ME	0,00%	-	0,42%	2.145,59
EAC - MI	14,72%	1.916,74	15,54%	1.965,59
EA - of	0,04%	1.993,10	0,02%	1.993,10
EHC - ME	0,00%	-	0,00%	-
EHC - MI	50,24%	1.687,94	51,65%	1.715,47
EH - of	1,03%	1.769,46	0,86%	1.759,77
obs: EAC - ME + MI + of	14,77%	1.916,97	15,98%	1.970,30
EHC - ME + MI + of	51,27%	1.689,58	52,51%	1.716,20

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,55%	0,5618	1,18%	0,5555
AME	32,41%	0,6621	30,33%	0,6184
EAC - ME	0,00%	-	0,42%	0,7549
EAC - MI	14,72%	0,6744	15,54%	0,6915
EA - of	0,04%	0,7012	0,02%	0,7012
EHC - ME	0,00%	-	0,00%	-
EHC - MI	50,24%	0,6198	51,65%	0,6299
EH - of	1,03%	0,6497	0,86%	0,6461
Média		0,6410		0,6358
obs: EAC - ME + MI + of	14,77%	0,6744	15,98%	0,6932
EHC - ME + MI + of	51,27%	0,6204	52,51%	0,6301

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2019/20 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	0,17%	48,99
AME	39,22%	53,58
EAC - ME	0,06%	2.145,59
EAC - MI	19,60%	1.830,93
EA - of	0,00%	1.993,10
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	40,82%	1.630,52
EH - of	0,13%	1.759,77

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	0,17%	0,5555
AME	39,22%	0,6100
EAC - ME	0,06%	0,7549
EAC - MI	19,60%	0,6442
EA - of	0,00%	0,7012
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	40,82%	0,5987
EH - of	0,13%	0,6461
Média		0,6121

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	66,84	74,66
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	66,84	74,66

Maringá, 30 de Maio de 2019

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Presidente

PAULO SYDNEI ZAMBON / Vice-presidente



ANDIRÁ

SEGURANÇA DO TRABALHO

O Sindicato Rural de Andirá e a empresa Padeigis Agrícola promoveram o curso “Trabalhador na Segurança do Trabalho – NR35 – Trabalho em Altura”, nos dias 31 de janeiro e 1º de fevereiro. O instrutor Marcelo Silveira dos Santos treinou oito pessoas.



PALOTINA

JAA

Um grupo de 16 alunos do Colégio Garmatz iniciaram o curso “Produtor agrícola - Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) - preparando para gestão” no dia 8 de março, com apoio do Sindicato Rural de Palotina e Banco do Brasil. As aulas com o instrutor Geremias Cilião de Araujo Junior vão até o dia 14 de agosto.



ALTAMIRA DO PARANÁ

INCLUSÃO DIGITAL

Entre os dias 18 e 29 de março, um grupo de 11 alunos teve aula com a instrutora Tania Dirlene Ratz Gerstner durante o curso “Programa de Inclusão Digital - introdução a informática”. A capacitação foi organizada pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa.



UMUARAMA

AGRINHO

O Sindicato Rural de Umuarama organizou um curso voltado para o “Programa Agrinho - histórico, metodologia e regulamento”, no dia 29 de março. A instrutora Eliana Cristina Scherbak foi a responsável por repassar as informações a 26 professores.



CONSELHEIRO MAIRINCK

QUALIDADE DE VIDA

No dia 23 de abril aconteceu o curso “Qualidade de Vida - família rural”, por iniciativa do escritório do SENAR-PR na regional Londrina e da Fazenda Marimbondo. A instrutora Vivieny Nogueira Visbiski treinou 21 pessoas.



ASSIS CHATEAUBRIAND

AGRICULTURA DE PRECISÃO

O curso “Trabalhador Volante da Agricultura - agricultura de precisão - operação de drones” ocorreu nos dias 24, 25 e 26 de abril, por promoção do Sindicato Rural de Assis Chateaubriand. O instrutor Arnaldo Antunes dos Santos Neto treinou oito alunos.



FRANCISCO BELTRÃO

TRATORISTA AGRÍCOLA

Entre os dias 29 de abril e 4 de maio, 12 alunos passaram pelo curso “Tratorista Agrícola - tratorista polivalente intermediário”. As aulas da capacitação, promovida pelo Sindicato Rural de Francisco Beltrão, foram ministradas pelo instrutor Edson Zucchi.



ARAPOTI

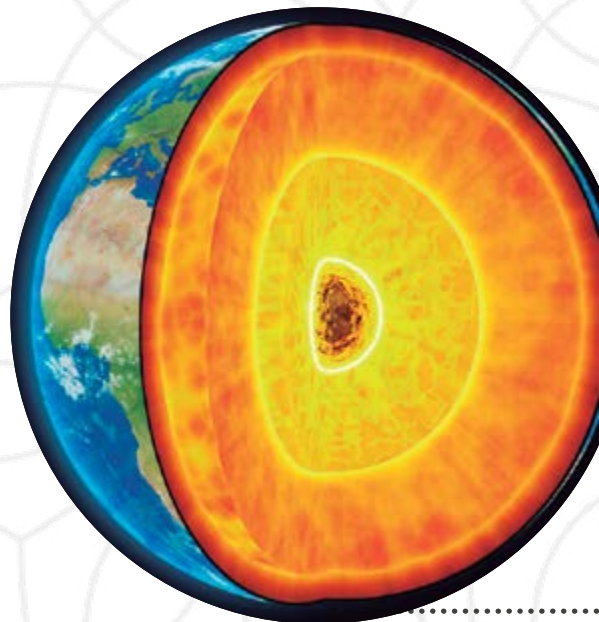
AGRICULTURA DE PRECISÃO

O Sindicato Rural de Arapoti promoveu o curso “Trabalhador Volante da Agricultura - agricultura de precisão - operação de drones”, entre os dias 6 e 8 de maio, para oito alunos. O instrutor foi Rafael Andrzejewski.

VIA RÁPIDA

Cachaça, pinga ou aguardente?

Embora os nomes remetam à bebida mais popular no Brasil, têm significados diferentes. Aguardente é um destilado de alto teor alcoólico de cereais e frutas, enquanto a cachaça é uma aguardente exclusivamente feita de cana-de-açúcar. Agora a pinga é um apelido carinhoso para a cachaça, com origem na história de destilação nos engenhos, ainda na época da escravidão no Brasil, quando a garapa era fervida e condensava o vapor no teto, que pingava sobre os escravos.



Regime extremo

O escocês Angus Barbieri, então com 207 quilos, procurou ajuda para emagrecer. Os médicos o fizeram manter um jejum por uma semana, e ele fez uma dieta composta por líquidos não calóricos por exatos 382 dias. Em 11 de junho de 1966, o jovem de apenas 27 anos conseguiu chegar a marca de 83 quilos. Ele entrou para o livro dos recordes como a pessoa que ficou mais tempo em jejum. A sua primeira refeição depois desse tempo todo foi uma torrada com manteiga, um ovo cozido e uma xícara de café preto.

Ombro amigo

Dois amigos se encontram, depois de muito tempo distantes.

- Puxa, quanto tempo? Como vão as coisas?
- Eu estou ótimo e você?
- Eu vou ser pai pela primeira vez!
- Que legal! Parabéns! E a sua mulher está feliz?
- Por enquanto está! Mas, na hora que ela souber, vai ficar uma fera!



Cidade azul

Em meio às montanhas do Marrocos, está Chefchaouen, cidade que oferece um belo cenário azul pelas suas vielas, ruas e pequenos prédios. A cor é uma referência aos objetos sagrados citados no Velho Testamento da Bíblia, pois a sua população é de maioria judaica.



Pica-pau

A ave pode bicar um tronco até 100 vezes por minuto, fazendo com que a sua cabeça atinja a velocidade de uma bala. Para minimizar o impacto, seu crânio é mais espesso e a língua e a narina são conectadas diretamente ao cérebro. Apesar do nome, o pica-pau se alimenta de insetos e larvas que vivem dentro dos troncos de árvores.



Dedos de homem morto

Esse nome macabro pertence a um fungo que cresce no solo e tem a aparência de dedos de cadáveres. Apesar de assustador, o fungo ajuda a decompor a matéria orgânica para que as plantas possam absorver melhor seus nutrientes.



Corrida ao centro da Terra

Assim como na corrida espacial, russos e americanos também disputaram quem iria conhecer o centro da Terra primeiro. O projeto Mohole, ideia de engenheiros norte-americanos, propunha abrir um furo no meio do Oceano Pacífico, mas avançou poucos metros até ser interrompido, em 1961. Já o poço super-profundo de Kola atingiu 12,2 quilômetros de profundidade na Rússia, em 1970. O projeto teve que ser interrompido em 1992, pois a temperatura chegava a 180º graus. O buraco está abandonado, atraindo curiosos até hoje.

Câncer: a origem do nome

A doença foi batizada por Hipócrates, pai da medicina, em meados do século 3 a.C., que comparou as veias de um tumor cancerígeno com as patas de um caranguejo (do latim *cancer* e do grego *kakinos*). E assim como Hipócrates, os astrônomos gregos batizaram a constelação de Câncer devido a mesma semelhança.



UMA SIMPLES FOTO





RECEBA AS NOTÍCIAS DO AGRO DO PARANÁ E DO SISTEMA FAEP/SENAR-PR NO WHATSAPP

Salve o número (41) 98815.0416 e mande
uma mensagem com seu nome, cidade
e atividade agropecuária

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___ _____
Em ___/___/___ _____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

